

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC GEORGE LUIZ DUARTE FERREIRA

GUERRA DO VIETNÃ (1955 – 1975):

Uma análise do fracasso estadunidense à luz da teoria de Sherman Kent sobre  
Inteligência

Rio de Janeiro

2023

CC GEORGE LUIZ DUARTE FERREIRA

GUERRA DO VIETNÃ (1955 – 1975):

Uma análise do fracasso estadunidense à luz da teoria de Sherman Kent sobre  
Inteligência

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (Ref<sup>o</sup>) Luiz Carlos de C. Roth

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval

2023

## DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

**ASSINATURA PELO GOV.BR  
(LOCAL DA CHANCELA)**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, manifesto meus sinceros agradecimentos a Deus, cuja inspiração foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.

À minha amada esposa, Annelisie, e aos meus filhos, George e Gustavo, dedico meu profundo reconhecimento pelo constante apoio, compreensão e amor incondicional que me fortaleceram em todos os momentos desta jornada.

Aos meus queridos pais, Josiane e Edvaldo, expresso minha eterna gratidão por serem o pilar de incentivo e motivação que me levou a trilhar esse caminho e alcançar a aprovação nessa carreira tão almejada.

Ao meu saudoso avô, Eurico, agradeço por sua orientação sábia e inspiradora, que deixou marcas indeléveis em minha vida, mesmo após sua partida.

À minha estimada família, cujo apoio e encorajamento foram fundamentais para minha perseverança diante dos desafios enfrentados ao longo desta trajetória, expresso minha gratidão.

Ao meu orientador, CMG (Ref<sup>o</sup>) Roth, agradeço pela valiosa contribuição em termos de conhecimento e orientação, que enriqueceram significativamente este trabalho.

Também sou grato ao CMG (RM1) Jobim, pela generosidade em compartilhar seu conhecimento e colaborar para o êxito deste estudo.

A todos os mencionados, meu mais profundo obrigado por fazerem parte desta jornada, contribuindo de forma significativa para o sucesso deste trabalho acadêmico.

## RESUMO

O presente trabalho tem como propósito examinar a não observância dos aspectos da teoria da Inteligência de Sherman Kent que impactaram no planejamento e na condução das operações militares estadunidenses durante o conflito no Vietnã. O trabalho explora a evolução da atividade de Inteligência, desde suas origens até a modernização, após a Segunda Guerra Mundial, influenciada pelo contexto da Guerra Fria. Em seguida, enfatiza o fracasso estadunidense na Guerra do Vietnã, que teve implicações significativas na história e nas relações internacionais dos dois países. A teoria de Sherman Kent é abordada, destacando a importância da profissionalização, a abordagem multidisciplinar e a compreensão das estruturas estratégicas dos Estados para uma atividade de Inteligência eficaz e responsável. A análise concentra-se nos desafios enfrentados pelos serviços de inteligência dos Estados Unidos da América durante o conflito no Vietnã, como a falta de cooperação entre agências, a subestimação do inimigo, a escassez de informações precisas e a dificuldade em tomar decisões fundamentadas. O trabalho conclui ressaltando a relevância da teoria de Sherman Kent para aprimorar a atividade de Inteligência em futuros conflitos, enfatizando a ética, a transparência e a cooperação entre as agências de inteligência como fundamentais para evitar falhas na análise de informações e para garantir uma abordagem mais eficiente e responsável em situações desafiadoras. No contexto do legado deixado pela Guerra do Vietnã, a dissertação apresenta uma perspectiva fundamentada para enfrentar conflitos futuros, aprendendo com as lições do passado e buscando aplicar as melhores práticas de inteligência para garantir uma condução eficaz e mais ética das operações em cenários complexos e dinâmicos.

Palavras-chave: Inteligência; Sherman Kent; Guerra do Vietnã; Fracasso estadunidense.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- EUA – ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA  
CIA – AGÊNCIA CENTRAL DE INTELIGÊNCIA

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA .....</b>	<b>10</b>
2.1	A EVOLUÇÃO DA ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA .....	10
2.2	A TEORIA DE SHERMAN KENT .....	12
<b>3</b>	<b>A GUERRA DO VIETNÃ E O SEU VÍNCULO COM OS PRESIDENTES DOS EUA E OS DIRETORES DA CIA .....</b>	<b>20</b>
3.1	A GUERRA DO VIETNÃ .....	20
3.2	O IMPACTO DAS TENSAS RELAÇÕES ENTRE OS PRESIDENTES DOS EUA E OS DIRETORES DA CIA NA CONDUÇÃO DA GUERRA DO VIETNÃ .....	29
<b>4</b>	<b>A INTELIGÊNCIA NA GUERRA DO VIETNÃ: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA .....</b>	<b>33</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>38</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A atividade de Inteligência tem uma história rica e complexa, moldada por eventos cruciais ao longo dos séculos. Desde suas origens, muitas vezes confundida com a espionagem devido a sua representação popular na ficção cinematográfica, a Inteligência evoluiu significativamente, tornando-se uma peça central no cenário político e internacional em constante transformação.

Neste trabalho, será explorada a evolução da atividade de Inteligência, desde seus primórdios até sua modernização, após a Segunda Guerra Mundial, influenciada pelo contexto da Guerra Fria. O propósito deste estudo é analisar o fracasso estadunidense na Guerra do Vietnã à luz da teoria da Inteligência de Sherman Kent, buscando compreender como a não aplicação dessa teoria impactou o planejamento e a condução das operações militares dos Estados Unidos da América (EUA) na Guerra do Vietnã.

No Capítulo 2, intitulado "Atividade de Inteligência", será iniciada uma jornada para compreender os pilares essenciais da Inteligência com foco especial na perspectiva do renomado estudioso da Inteligência, Sherman Kent. Kent, cuja carreira como analista iniciou durante a Segunda Guerra Mundial, desempenhou um papel crucial no desenvolvimento da Inteligência como uma atividade abrangente e crucial no apoio às decisões estratégicas.

Nessa análise, serão investigados os três significados atribuídos ao termo "Inteligência" por Kent: como conhecimento, como organização e como atividade. Essa abordagem proporcionará uma visão abrangente da importância da produção de conhecimentos estratégicos para assessorar os tomadores de decisão em cenários complexos e em constante mudança.

Será aprofundada a definição de Kent sobre a Inteligência como um processo ágil, adaptável e orientado para fornecer suporte crucial na tomada de decisões estratégicas. Será destacada a necessidade de conhecimentos multidisciplinares para os profissionais de inteligência e a importância de uma abordagem científica e rigorosa na produção de conhecimentos. Além disso, será explorada a relevância da estatura estratégica e das vulnerabilidades específicas dos Estados na busca por um conhecimento estratégico abrangente e preciso.

Assim, será possível entender como a produção de conhecimentos envolve etapas



interdependentes, desde a coleta descritiva básica até a especulação avaliativa para prever o futuro, visando apoiar a tomada de decisões em um cenário internacional complexo e dinâmico.

A teoria de Sherman Kent oferece uma base conceitual sólida e essencial para a atividade de Inteligência, destacando a importância da profissionalização, da orientação imparcial e da capacidade analítica. Ao explorar os conceitos e os princípios fundamentais de Kent, será possível adentrar o terceiro capítulo, no qual serão examinadas as relações entre os presidentes dos EUA e os diretores da Agência Central de Inteligência (CIA) durante o período da Guerra do Vietnã.

No terceiro capítulo, serão examinadas as complexas relações entre os presidentes dos EUA e os diretores da CIA durante o turbulento período da Guerra do Vietnã. Ao longo dos anos, essas tensas interações moldaram significativamente a condução do conflito e a tomada de decisões cruciais que afetaram diretamente no conflito. Será explorado os diferentes mandatos presidenciais, desde Dwight D. Eisenhower até Richard Nixon, e como suas visões políticas, crenças e personalidades influenciaram as ações da CIA e, conseqüentemente, o rumo da guerra.

Mediante relatos, será observado como as divergências e alinhamentos entre líderes e diretores da agência de inteligência refletiram diretamente nas diversas batalhas no período da Guerra do Vietnã. Esta jornada permitirá compreender mais profundamente o impacto dessas complexas dinâmicas no cenário político e militar da época, e como elas contribuíram para a frustração estadunidense na condução da Guerra do Vietnã.

No quarto capítulo, será abordado a relação complexa entre os presidentes dos EUA e os diretores da CIA durante a Guerra do Vietnã, por meio de uma análise comparativa entre a teoria de Kent e a prática na Guerra, destacando as tensões e divergências que influenciaram diretamente suas ações.

Ao longo deste estudo, será observado como as relações entre líderes políticos e a busca por informações precisas e confiáveis moldaram o curso da guerra e tiveram um impacto duradouro na política externa dos EUA. Por meio dessa análise, poderá ser identificado valiosas lições sobre a relevância do conhecimento estratégico para uma condução responsável e eficaz das atividades de Inteligência em futuros cenários desafiadores.

Por fim, a conclusão deste estudo destaca que a aplicação da teoria de Sherman Kent

sobre Inteligência durante a Guerra do Vietnã teria sido fundamental para garantir uma atividade de Inteligência eficaz, evitando falhas na análise de informações e a falta de uma estratégia coesa que contribuíram, significativamente, para o fracasso estadunidense na guerra.

Com essa introdução, a questão central que norteia esta dissertação é examinar a não observância dos aspectos da teoria de Inteligência de Sherman Kent que impactaram no planejamento e na condução das operações militares estadunidenses na Guerra do Vietnã. O propósito é analisar o fracasso estadunidense na Guerra do Vietnã à luz da teoria da Inteligência de Sherman Kent, buscando compreender como a aplicação dessa teoria influenciou o desenrolar do conflito e quais lições pode-se extrair para aprimorar a atividade de Inteligência em cenários futuros.

## 2 ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA

Nesta seção, será realizada uma análise da evolução da atividade de Inteligência ao longo da história, desde suas origens até a sua modernização após a Segunda Guerra Mundial, influenciada pelo contexto da Guerra Fria. Será abordado o cenário no qual a Inteligência, frequentemente, foi confundida com a espionagem, buscando esclarecer suas distintas subdivisões e metodologias específicas. Além disso, o foco será na exploração da teoria de Sherman Kent, um renomado estudioso da Inteligência, que ajudará na compreensão dos pilares essenciais dessa atividade, incluindo sua relevância como fornecedora de conhecimentos estratégicos, seu papel fundamental na tomada de decisões e sua relação intrínseca com o cenário político e internacional em constante transformação.

### 2.1 A EVOLUÇÃO DA ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA

Ao longo do tempo, o senso comum e a imaginação, muitas vezes influenciados pela ficção cinematográfica, têm levado a confusões entre a atividade de inteligência e a espionagem. Como Shulsky e Schmitt (2002) afirmam, é na imaginação popular e no senso comum, que a Inteligência<sup>1</sup>, frequentemente, é associada à espionagem. No entanto, na realidade moderna, a Inteligência é um processo muito mais amplo e complexo, com subdivisões, ramificações e metodologias específicas, das quais a espionagem é apenas uma parcela importante na busca por informações negadas, mas, ainda assim, uma parte do todo.

Essa confusão é compreensível até certo ponto, especialmente porque, como um provérbio de autor desconhecido adverte, "a espionagem é a segunda profissão mais antiga do mundo"<sup>2</sup>. Isso faz suspeitar que ela exista desde tempos imemoriais e confunda-se com a

---

<sup>1</sup> Sempre que a palavra "Inteligência" aparecer nesse trabalho iniciada com letra maiúscula, ela representará todos os aspectos que envolvem o exercício de sua atividade. A teoria de Sherman Kent, como veremos, detalhará esses aspectos.

<sup>2</sup> A estadia dos espíões de Josué na casa da prostituta Raabe, tal como aparece na Bíblia, provavelmente foi a origem, o tratamento bastante comum de espionagem como a "segunda profissão mais antiga do mundo". (CEPIK, 2003).

própria história do desenvolvimento humano.

De fato, historicamente, os seres humanos sempre precisaram conhecer o ambiente em que viviam para sobreviver às ameaças. Pesquisas bibliográficas demonstram que as referências à busca de informações por meio de espões remontam aos escritos de Sun Tzu<sup>3</sup> (545-470 a.C.) sobre a arte da guerra e estão, até mesmo, presentes e registradas na Bíblia Sagrada<sup>4</sup>. Geralmente, esses relatos mencionavam os espões como se fossem a única capacidade da atividade de Inteligência. Isso pode explicar, em parte, porque ainda, atualmente, muitas pessoas confundem a parte com o todo, especialmente aqueles que não fazem parte da comunidade de inteligência (JOBIM, 2019).

O surgimento da Segunda Guerra Mundial trouxe consigo uma remodelagem da atividade de Inteligência em direção à modernidade, impulsionada pelo aprimoramento das estruturas de Inteligência Militar. Contrariando as expectativas, essas estruturas foram ampliadas após o conflito. Essa expansão ocorreu, em parte, devido às incertezas e aos perigos provenientes da bipolaridade global Leste-Oeste, característica marcante da Guerra Fria (1947-1991). Nesse contexto, surgiram a necessidade e a divisão de tarefas, em que a Inteligência Militar deveria concentrar-se na defesa nacional, assessorando os decisores no planejamento e na condução das operações, enquanto a Inteligência Nacional dedicava-se aos assuntos de interesse nacional afetos à política interna e externa do País (ABIN, 2016).

Essa nova versão da Inteligência de Estado que começou a surgir é mais próxima das estruturas que se conhece hoje, deixando de ser, exclusivamente, militar. A atividade começou a ganhar amplitude. No entanto, para enfrentar os novos desafios da era bipolar, as estruturas de Inteligência precisavam ser modernizadas de maneira efetiva, melhorando e expandindo não apenas sua estrutura física, mas também seus processos. Essa modernização ocorreu, principalmente, em termos conceituais e metodológicos, com um foco maior na produção de conhecimento e em um posicionamento mais claro como assessoria governamental (JOBIM, 2019).

O conhecimento, como definido na Inteligência, tornou-se um dos objetos de maior interesse para os tomadores de decisão políticos, que precisavam fazer escolhas em um momento de incerteza no sistema internacional, resultado das novas relações estabelecidas

---

<sup>3</sup> “A suprema tática consiste em dispor as tropas sem forma aparente. Então, os espões mais penetrantes nada podem farejar, nem os sábios mais experientes poderão fazer planos contra ti.” (TZU, 2006).

<sup>4</sup> Enviou-os, pois, Moisés a espiar a terra de Canaã [...]. Assim subiram, e espíaram a terra desde o deserto de Zim, até Reobe, à entrada de Hamate (ROTH, 2009, p. 11).

durante a Guerra Fria (JOBIM, 2019).

Alguns autores desempenharam também um papel importante nesse processo. Dessa forma, destaca-se Washington Platt, que apresentou em sua obra *Strategic Intelligence Production* (1957), uma metodologia para a produção do conhecimento. Sua maior contribuição talvez tenha sido pensar na Inteligência como um processo que vai além do setor estatal. Ao se envolver com o setor corporativo, ele contribuiu para destacar a importância da atividade de inteligência. Platt (1974, p. 31) afirmou que "a informação estratégica é o conhecimento sobre as possibilidades, as vulnerabilidades e as linhas de ação prováveis" de um oponente externo, uma lógica que também pode ser aplicada aos mercados.

Platt, general reformado do Exército estadunidense, reforçou a relevância da atividade de Inteligência na prevenção de ameaças em uma perspectiva mais ampla, ultrapassando o monopólio do Estado. Além disso, ele destacou a importância das ciências sociais para a atividade de Inteligência, fortalecendo uma abordagem científica e acadêmica (JOBIM, 2019).

No entanto, primeiramente, o maior avanço em direção a uma visão moderna da Inteligência como atividade de Estado foi dada por Sherman Kent (1903-1986). Kent começou sua carreira como analista no extinto Escritório de Serviços Estratégicos norte-Americano durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Após o fim desse período de conflito armado, ele continuou seu trabalho na agência, tornando-se um modelo para o mundo ocidental. Sua obra *Strategic Intelligence for American World Policy* (1967) será utilizada como objeto de estudo deste trabalho.

## 2.2 A TEORIA DE SHERMAN KENT

Sherman Kent foi um estudioso e analista de inteligência dos EUA, conhecido por suas contribuições para o campo da Inteligência durante a Guerra Fria.

Analisando a teoria de Sherman Kent (1967), depreende-se que a atividade de Inteligência é caracterizada por ser ágil, adaptável e orientada para fornecer suporte e conhecimentos cruciais para o assessoramento dos decisores. Ela se concentra em fornecer informações e análises relevantes para os tomadores de decisão, permitindo-lhes entender a situação atual, identificar ameaças e oportunidades, e tomar medidas eficazes para atingir

seus objetivos estratégicos.

Kent (1967) enfatiza que a Inteligência deve ser baseada em informações concretas e confiáveis, coletadas de fontes diversas e analisadas de forma sistemática. Ele destaca a importância do contexto e da compreensão da situação em que as operações ocorrem, levando em consideração fatores descritivos relativamente imutáveis como o terreno, a hidrografia, o clima, as capacidades e as intenções do inimigo, entre outros.

Com base na teoria e nas definições de Sherman Kent (1967), constantes em seu livro, identifica-se a importância dos três pilares fundamentais para a efetivação da Inteligência Estratégica: o conhecimento, a organização e a atividade.

A obtenção do conhecimento é essencial para o processo de obtenção de informações relevantes e confiáveis, provenientes de diversas fontes, tais como fontes humanas, fontes técnicas e fontes documentais (KENT, 1967).

Dessa forma, observa-se nos conceitos elaborados por Kent (1967, p. 17) uma afirmação inicial que “Inteligência é conhecimento” e conhecimento é aquilo:

[...] que nosso Estado deve possuir em relação aos outros estados a fim de assegurar que nem sua causa, nem suas iniciativas falhem por seus estadistas e soldados planejarem e agirem na ignorância. Esse é o conhecimento sobre o qual baseamos nossa política nacional de alto-nível em relação aos outros estados.

A organização desempenha um papel crucial ao estabelecer estruturas para analisar, classificar e armazenar as informações coletadas, garantindo a acessibilidade e a disseminação seletiva desses dados dentro da organização ou da comunidade de inteligência (KENT, 1967).

Conforme citado por ele no segundo pilar desse processo, a afirmação que “Inteligência é organização”, acrescenta Kent (1967, p. 77) que:

As informações são uma instituição; consistem em uma organização de pessoal ativo que busca uma categoria especial de conhecimento [...] tal organização deve possuir uma equipe de técnicos hábeis, ao mesmo tempo, conhecedores (ou em condições de conhecer) da política externa e problemas estratégicos correntes e cuja capacidade profissional esteja devotada à produção de informações úteis aos referidos problemas. [...] Deve ter consciência de que os informes produzidos [...] são úteis para aqueles que tomam decisões: isto é, são relevantes para os problemas deles, desde que completos, precisos e oportunos.

Por fim, a atividade compreende a metodologia das ações tomadas com base nas informações obtidas e organizadas, como a elaboração de análises, de estimativas e de

avaliações a fim de subsidiar a tomada de decisões estratégicas e a formulação de políticas (KENT, 1967).

Ao enunciar que “Inteligência é atividade”, aponta Kent (1967, p. 147) em seu pensamento acrescentando que:

O conhecimento que venho denominando informações estratégicas tem duas utilizações: serve para uso preventivo ou defensivo, uma vez que nos alerta com antecipação dos desígnios de outras potências que podem estar agindo para prejudicar nosso interesse nacional; serve também para uso positivo e antecipado de nossa própria política externa ativa ou grande estratégia. Mas, o que há de importante a perceber é que, independentemente da diversidade de sua utilização, o conhecimento em pauta é produzido por um processo de pesquisa.

Esses três pilares são interdependentes e complementam-se, garantindo a eficácia da Inteligência estratégica no apoio à formulação e à implementação de políticas e de estratégias nacionais (KENT, 1967).

Dando prosseguimento a teoria de Sherman Kent (1967), a Inteligência concentra-se em fornecer informações e análises para apoiar a tomada de decisões e a execução de operações, através da compilação do conhecimento destinado a servir um dos aspectos do problema de como fazer a guerra. Importante lembrar que o “fazer a guerra” é um problema tanto do nível político-estratégico, quanto do operacional-tático. Assim, a Inteligência deve ser ágil, adaptável e orientada para a ação, visando fornecer conhecimentos relevantes e práticos para os tomadores de decisão sobre o que ocorre no teatro de operações. A teoria de Kent fornece uma base conceitual importante para a compreensão e para o desenvolvimento da inteligência.

Atualmente, em plena era da informação, afirmar que inteligência é conhecimento pode parecer ressaltar o óbvio. Como afirmou Sherman Kent, logo após a Segunda Guerra Mundial, "as operações de levantamento são as coletas ou as buscas de informações sobre o que está ocorrendo acerca do objeto em observação, e as operações de pesquisas são as pesquisas do que ocorreram sobre determinado objeto em observação no passado a fim de facilitar uma compreensão do que está acontecendo agora" (KENT, 1967). Nesse contexto, a Inteligência refere-se aos processos pelos quais o mundo contemporâneo é mantido sob observação sistemática.

No entanto, é importante considerar o *Zeitgeist*, ou seja, o espírito do tempo do filósofo alemão Hegel (1770-1831), que nos remete à questão do equívoco de uma análise

fora do seu tempo. Não se deve assumir que um desdobramento ocorrido em tempos passados se repetirá da mesma forma no tempo presente, nem que o futuro será moldado pelas "certezas" atuais. O ambiente, em que se está inserido, encontra-se em constante mudança, refletindo de forma decisiva no entendimento e na abordagem dos fatos (PENTEADO, 2017).

Sherman Kent (1967) destaca a importância de decidir quais assuntos devem ser observados, comunicados às autoridades superiores ou tornados objeto de pesquisa, definindo a ordem de prioridade deles. Ele descreve três etapas de produção de conhecimento estratégico pelas organizações de inteligência: descritiva básica, narrativa e especulativa avaliativa.

A descritiva básica envolve a coleta de informações detalhadas sobre um determinado objeto, proporcionando conhecimentos específicos e limitados. É a base para a produção narrativa e especulativa avaliativa, sendo essencial para dar significado a qualquer especulação sobre o futuro (KENT, 1967).

A produção de narrativas consiste na atualização dos pontos relevantes da produção descritiva, observando os acontecimentos do dia a dia através das informações correntes e priorizando os fenômenos a serem observados. As subdivisões formais apresentadas por Kent são personalidades, geografia, militar, economia, política, social, moral e técnico-científico (KENT, 1967).

Já a etapa especulativa avaliativa é a mais importante na produção de conhecimentos estratégicos e, também, a mais complexa. Envolve a busca de informações necessárias para prever o que ocorrerá. Dois conceitos-chave utilizados por Kent são a estatura estratégica e a vulnerabilidade específica. A estatura estratégica representa o total dos meios disponíveis e adaptados que um Estado possui para exercer influência no sistema internacional, enquanto a vulnerabilidade específica refere-se aos conhecimentos enciclopédicos, descritos nas outras duas etapas de produção de conhecimento estratégico para fazer as previsões e conhecer a localização e a natureza das vulnerabilidades específicas (KENT, 1967).

A Inteligência estratégica é um processo que envolve a coleta de informações, a produção de narrativas atualizadas e a especulação avaliativa para prever o futuro. Para ser eficaz, é essencial considerar a mentalidade da época, a evolução do ambiente em que se está inserido e definir uma ordem de prioridade dos assuntos a serem observados (KENT, 1967).

Para compreender melhor essa definição, recorre-se a Sherman Kent (1967), que foi o



primeiro autor a sistematizar a atividade de Inteligência de forma acadêmica em três concepções: como conhecimento (produto), como organização e como atividade (processo). Essa definição é amplamente aceita e utilizada pelos estudiosos e profissionais da área até agora.

Sherman Kent (1967) propôs três significados atribuídos ao termo "Inteligência" em sua teoria. O primeiro significado refere-se aos tipos de conhecimento buscados em situações concretas de conflito na arena internacional. O segundo significado diz respeito às organizações de inteligência e as suas divisões funcionais e hierárquicas, cujo objetivo é otimizar a coleta, processamento e análise de informações para construir conhecimentos. O terceiro significado está relacionado às atividades desempenhadas pelas organizações de inteligência visando alcançar seus objetivos dentro do sistema.

Kent (1967) defendia a profissionalização e a cientificidade da atividade de inteligência, clamando por uma literatura específica que estabelecesse princípios gerais, definições de termos e debates de alto nível. Ele enfatizava que a Inteligência era uma instituição composta por pessoal ativo que buscava um tipo especial de conhecimento. Kent também abordou a importância da orientação na atividade de inteligência.

A equipe de inteligência não pode estar isolada do mundo em que as ações são planejadas e executadas, pois os conhecimentos produzidos não serão úteis. No entanto, ele ressaltou que a inteligência não toma parte no processo decisório, mas auxilia os tomadores de decisão, fornecendo informações relevantes e chamando a atenção para fatos importantes (KENT, 1967).

Segundo Kent (1967), uma aproximação excessiva entre os produtores de inteligência e os utilizadores pode trazer perigos para a produção de conhecimento. Os profissionais de inteligência podem ser absorvidos por seções responsáveis pela formulação política ou por ações operacionais, desviando-se de sua tarefa essencial. Além disso, eles podem ser dispersos entre diferentes seções, comprometendo a integridade substantiva da atividade e afetando a qualidade e a padronização dos produtos analíticos. A aproximação excessiva também pode comprometer a objetividade dos estudos de inteligência, levando a uma busca de apoio a políticas específicas das organizações.

A teoria de Kent (1967) também estabelece uma separação rígida entre assuntos domésticos e questões de política internacional. A Inteligência Estratégica concentra-se nas informações do exterior, excluindo considerações sobre os planos e as ações do próprio EUA.

Essa abordagem foi criticada por limitar a capacidade da inteligência de avaliar os efeitos e as mudanças no cenário internacional causados pelas políticas e ações dos EUA.

Kent (1967) defendia a necessidade de um amplo e sistemático escaneamento de informações para obter esclarecimentos sobre o ator adverso, especialmente em momentos de guerra. Ele também propunha a atualização contínua das informações para acompanhar as mudanças que ocorrem. Além disso, ele destacava a importância da capacidade analítica dos profissionais de inteligência para passar do desconhecido para o conhecido, por meio de técnicas e formas de pensamento lógico e racional.

Sendo assim, a teoria de Sherman Kent enfatiza a importância da profissionalização e da cientificidade da atividade de Inteligência, estabelecendo os significados atribuídos ao termo "Inteligência" e abordando questões relacionadas à orientação, a separação entre assuntos domésticos e internacionais, e à capacidade analítica na produção de conhecimentos.

As agências de inteligência são compostas por especialistas dedicados a uma unidade de produção de conhecimento robusta, que precisam ter conhecimento básico sobre diversos assuntos, como história contemporânea, geografia, economia, ciência política, psicologia social, métodos de pesquisa em ciências sociais e redação de documentos, além de formação específica, treinamento contínuo e experiência na área de inteligência. Basicamente, na teoria, os profissionais de inteligência são divididos em analistas e agentes. Os analistas são responsáveis pela produção do conhecimento, enquanto os agentes são responsáveis pela obtenção de dados negados (KENT, 1967).

A dependência de conhecimentos multidisciplinares por parte dos profissionais de inteligência, mesmo que ao nível básico, faz com que essa atividade tenha características comparáveis a outras áreas do conhecimento, o que será explorado a seguir para enriquecer a compreensão do tema. Portanto, as organizações de inteligência devem se assemelhar a universidades, onde a mentalidade de pesquisa e o rigor científico são características vitais (KENT, 1967).

Para obter um conhecimento estratégico sobre um determinado Estado, é essencial compreender a estatura estratégica e as vulnerabilidades específicas desse Estado. Isso requer pessoal especializado, com expertise nos assuntos em pauta, capacidade mental e experiência para realizar análises especulativas avaliativas (KENT, 1967).

A vulnerabilidade específica é o segundo conceito a ser considerado no elemento especulativo avaliativo, segundo Kent. Ele define a vulnerabilidade específica como os "pontos fracos cuja exploração permita obter resultados desproporcionalmente grandes em relação ao dispêndio de esforços" (KENT, 1967, p. 66-68).

Kent (1967) destaca que, com base na estatura estratégica e nas vulnerabilidades específicas, é possível buscar as prováveis linhas de ação do Estado em observação. As três etapas de produção de conhecimento estratégico, descritiva básica, narrativa e especulativa avaliativa, são interdependentes. A descritiva básica fornece uma base detalhada de conhecimento, atualizada pela narrativa por meio de levantamentos dos fenômenos relevantes. A especulativa avaliativa busca os conhecimentos necessários para prever o futuro.

A Inteligência busca uma categoria especial de conhecimentos. Para ser relevante aos tomadores de decisões, a inteligência deve ser completa, precisa e oportuna. O recrutamento de pessoas dotadas e instruídas é essencial para as atividades de levantamento e de acompanhamento da inteligência. Essas pessoas devem ser especialistas no assunto em pauta, estar atualizadas sobre os problemas dominantes da política externa e ser altamente instruídas nas áreas correlacionadas com a política. A coleta de conhecimentos também requer pesquisa de novas fontes e de fontes que possam contradizer as informações já levantadas (KENT, 1967).

As organizações de inteligência devem ser semelhantes a universidades e a suas bibliotecas, a jornais e a empresas comerciais. Devem conter conhecimentos ostensivos e sigilosos, processar conhecimentos em ritmo acelerado e observar o momento adequado para encerrar um trabalho, além de fabricar produtos de conhecimento a partir de dados e de trabalho altamente qualificado (KENT, 1967).

Kent (1967) destaca a importância de um órgão central para coordenar as atividades dos órgãos subordinados de inteligência. Esse órgão central deve estabelecer a jurisdição dos vários órgãos de inteligência departamentais, fiscalizar essa jurisdição, garantir que o produto de inteligência atenda aos padrões exigidos, diagnosticar e auxiliar órgãos departamentais com dificuldades, administrar os levantamentos e as pesquisas interdepartamentais, e conhecer a política particular de inteligência de cada departamento subordinado.

Com relação ao pessoal necessário para o trabalho de informações, Kent divide em cinco categorias: pessoal administrativo comum, pessoal de serviço de secretaria, pessoal de

arquivo, equipe de inteligência e equipe de controle. Cada categoria desempenha um papel específico, proporcionando a produção de conhecimento de inteligência (KENT, 1967).

Observa-se que Kent também ressalta a necessidade de uma abordagem multidisciplinar na atividade de inteligência, exigindo conhecimentos básicos sobre diversos assuntos. Além disso, destaca, também, a importância da separação entre assuntos domésticos e internacionais, e da capacidade analítica na produção de conhecimentos estratégicos. Ele defende que as organizações de inteligência devem ser semelhantes a universidades, com mentalidade de pesquisa e rigor científico.

Outro aspecto relevante da teoria de Kent é a ênfase na estatura estratégica e nas vulnerabilidades específicas de um Estado. Para obter conhecimento estratégico sobre um determinado Estado, é essencial compreender seus meios disponíveis e adaptados, bem como suas vulnerabilidades. A produção de conhecimento estratégico envolve etapas interdependentes como a coleta descritiva básica, a narrativa atualizada e a especulação avaliativa para prever o futuro.

Conclui-se que a teoria de Sherman Kent apresenta uma abordagem sólida e essencial para a compreensão e para o desenvolvimento da atividade de Inteligência. Seus conceitos fundamentais enfatizam a necessidade de uma profissionalização e da cientificidade da área, destacando a importância de uma abordagem multidisciplinar e rigorosa na produção de conhecimentos estratégicos. Além disso, a teoria ressalta a relevância de compreender a estatura estratégica e as vulnerabilidades específicas dos Estados, possibilitando uma visão mais completa e mais precisa para apoiar a tomada de decisões eficazes em um mundo complexo e em constante mudança.

### **3 A GUERRA DO VIETNÃ E O SEU VÍNCULO COM OS PRESIDENTES DOS EUA E OS DIRETORES DA CIA**

No cerne da história da Guerra do Vietnã, encontram-se as complexas relações entre os presidentes dos EUA e os diretores da CIA. Ao longo do conflito, que abrangeu vários mandatos presidenciais, as decisões tomadas pelos líderes americanos foram profundamente influenciadas pelas informações e recomendações fornecidas por aquela agência de inteligência.

O vínculo entre eles representou um papel crucial na condução e, ao mesmo tempo, na frustração desse conflito de proporções significativas. Desde as visões anticomunistas de Eisenhower e Dulles durante a Guerra Fria, passando pelas tensões entre Kennedy e seus diretores até a chegada de Nixon, essa intrincada relação moldou o cenário político e militar da época, gerando consequências marcantes para o desenrolar do conflito no Vietnã. Neste capítulo, será explorada essa interação complexa e suas implicações na condução do conflito.

#### **3.1 A GUERRA DO VIETNÃ**

A Guerra do Vietnã iniciou como uma luta pela independência do Vietnã do Norte contra a dominação francesa. Em 1954, a Batalha de Dien Bien Phu marcou o fim da dominação francesa no Vietnã e ocasionou a divisão do país, conforme a Conferência de Genebra realizada no próprio ano, em dois: o Vietnã do Norte, liderado pelo Partido Comunista, e o Vietnã do Sul, apoiado pelos EUA e por outros países ocidentais (KARNOW, 1985).

A Batalha de Dien Bien Phu marcou o fim desse domínio francês e resultou na divisão do país. Essa divisão levou a um conflito entre o Vietnã do Norte, que buscava unificar o país sob um regime comunista, e o Vietnã do Sul, que buscava manter sua independência e resistir à expansão do comunismo. Nesse mesmo ano, a guerra transformou-se em um conflito entre o Vietnã do Norte e o Vietnã do Sul (KARNOW, 1985).

A partir de 1955, durante o governo do presidente Eisenhower (1953 - 1961), os EUA

começaram a enviar conselheiros militares, bem como assistência financeira e apoio militar ao governo do Vietnã do Sul, com o propósito de auxiliá-lo na luta contra os insurgentes comunistas. O envolvimento dos EUA aumentou gradualmente ao longo dos anos com o envio de tropas e de equipamentos militares, até que a guerra se intensificou no início da década de 1960 (KARNOW, 1985).

Com o passar dos anos, o envolvimento dos EUA na Guerra do Vietnã aumentou gradualmente. Essa intervenção foi impulsionada pelo medo de uma maior expansão do comunismo na região. A intensificação do conflito levou à necessidade de uma maior participação dos EUA na guerra (KARNOW, 1985).

Durante a presidência de John F. Kennedy (1961 – 1963), que sucedeu o presidente Eisenhower, os EUA começaram a envolver-se mais diretamente na guerra no Vietnã. Kennedy acreditava que o Vietnã do Sul era um baluarte contra a expansão do comunismo na Ásia e continuou a enviar conselheiros militares e ajuda econômica para apoiar o governo sul-vietnamita. No entanto, a guerra intensificou-se ao longo dos anos e continuou durante a presidência de Lyndon B. Johnson (HERRINGTON, 1982).

Porém, o presidente Kennedy vivenciava outro problema, relegando, em segundo plano, a problemática no Vietnã, não considerando as consequências de seguir em frente com a invasão da Baía dos Porcos em Cuba contra o expansionismo comunista. O estilo informal e a estrutura de tomada de decisão do presidente não permitiam uma revisão sistemática da planejada invasão de Cuba. Sob a gestão anterior, do então presidente Eisenhower, um escritório de inteligência da Casa Branca monitorava, de perto, os planos e as operações da CIA. Entretanto, a mesma conduta não foi observada por Kennedy ao abolir o escritório de inteligência, impedindo a capacidade da equipe de ganhar familiaridade e de assumir o controle como Eisenhower exercia em suas políticas e em seus programas da administração nacional. A CIA foi capaz, portanto, de apresentar o plano da invasão como uma decisão já tomada pelo governo antecessor de Kennedy (MCMASTER, 1998).

O presidente Kennedy viu-se diante de consequências não previstas ao prosseguir com a invasão da Baía dos Porcos em Cuba. Sua abordagem informal para tomada de decisões e a falta de uma revisão sistemática permitiram que a CIA apresentasse a invasão como uma decisão do governo anterior, levando a um fracasso militar e a deterioração das relações com Cuba (MCMASTER, 1998).

A Baía dos Porcos quebrou a sensação de euforia e de aspiração esperançosa que

cercava a alta cúpula estadunidense nos seus primeiros meses em Washington. No início de 1960, o governo de Eisenhower havia autorizado a CIA a formar, a armar e a treinar um cubano exilado visando derrubar o governo de Fidel Castro em Cuba. Quando Kennedy assumiu o cargo, uma brigada de, aproximadamente, mil e quinhentos homens localizados em bases secretas da Guatemala compunha esse “Exército de Libertação” (MCMASTER, 1998).

Constrangido com os campos de treinamento anticastristas, corrente ideológica derivada do anticomunismo e que se opunha ao governo do Fidel Castro em Cuba, o presidente da Guatemala, Miguel Ydigoras Fuentes, pediu a Kennedy que removesse a força de solo guatemalteco até o final de abril. Diante da escolha de usar ou de perder a brigada de exílio, o presidente aprovou um plano de apoio a invasão, preservando sua capacidade de negar o envolvimento dos EUA. Porém, a invasão da Baía dos Porcos por tropas treinadas pela CIA deteriorou as relações com Cuba, além de ter sido um fracasso militar estadunidense (MCMASTER, 1998).

Depreende-se que o presidente Kennedy, possivelmente influenciado por seu estilo informal e por sua estrutura de assessoramento para tomada de decisões, avançou na invasão da Baía dos Porcos sem uma avaliação completa das consequências. Ao contrário de Eisenhower, que acompanhava de perto os planos da CIA, Kennedy aboliu o escritório de inteligência da Casa Branca. Provavelmente, essa mudança deixou lacunas no entendimento dos eventos em curso, afetando a capacidade dos EUA de avaliar amplamente as implicações da invasão, permitindo que a CIA apresentasse o plano como algo já aprovado pelo governo anterior, resultando no fracasso militar estadunidense.

Caso o escritório de inteligência fosse mantido, presumivelmente, o presidente Kennedy teria uma análise mais completa das informações disponíveis, permitindo uma abordagem mais cuidadosa e eficaz para lidar com o desafio em Cuba, apresentando um assessoramento realístico para os tomadores de decisão nos conflitos vindouros como no Vietnã.

Em 1964, os EUA envolveram-se, diretamente, na Guerra do Vietnã, durante o governo do presidente Lyndon B. Johnson (1963 – 1969), enviando tropas americanas para o Vietnã do Sul a fim de ajudar a combater as forças comunistas do Vietnã do Norte. A estratégia americana era baseada na ideia de que a guerra poderia ser vencida por meio da superioridade militar e tecnológica dos EUA (KARNOW, 1985).

No entanto, a estratégia americana falhou na maioria devido à falta de análise de

fontes de inteligência, à avaliação de informações e à falta de comunicação clara e eficaz de resultados de inteligência para os tomadores de decisão. A inteligência americana, frequentemente, subestimava a capacidade e a determinação dos vietnamitas, e os militares americanos, muitas vezes, subestimavam a dificuldade de lutar em um ambiente de selva e de montanha (KARNOW, 1985).

A estratégia americana, na Guerra do Vietnã, foi prejudicada, na maioria, por falhas na análise de inteligência, de avaliação de informações e de comunicação eficaz dos resultados para os tomadores de decisão. A subestimação da capacidade vietnamita e a falta de compreensão das dificuldades do ambiente de guerra contribuíram para as adversidades enfrentadas pelos americanos (KARNOW, 1985).

A Guerra do Vietnã foi marcada por uma série de batalhas e de eventos significativos. Em 1965, a Batalha de Ia Drang foi o primeiro grande conflito entre as forças americanas e vietnamitas (KARNOW, 1985).

Essa Batalha foi um dos momentos mais intensos e traumáticos da Guerra do Vietnã. Para os soldados norte-americanos que desembarcaram de helicópteros no Planalto Central do Vietnã do Sul, o conflito foi um choque. Eles enfrentaram um inimigo implacável e determinado, que lutava em seu próprio território e que conhecia a selva melhor do que eles. A batalha foi uma luta desesperada pela sobrevivência, com os soldados norte-americanos lutando contra o calor, a fome, a sede e o medo constante de serem mortos ou capturados (HERRINGTON, 1982).

Ia Drang apresenta as dificuldades enfrentadas pelos EUA no Vietnã, incluindo a luta em um ambiente desconhecido e hostil, bem como a capacidade de adaptação e de resiliência dos vietnamitas. A falta de familiaridade com a selva e as táticas de guerrilha dos vietnamitas, combinada com a falta de compreensão da cultura local, contribuíram para a luta desesperada pela sobrevivência dos soldados norte-americanos.

A intensidade e o trauma vivenciados pelos soldados na Batalha de Ia Drang ressaltam a importância de uma estratégia abrangente e bem informada na condução de uma guerra. A análise de inteligência precisa, a avaliação adequada das capacidades do inimigo e a comunicação eficaz dos resultados para os tomadores de decisão são fundamentais para uma abordagem bem-sucedida em conflitos complexos como o ocorrido durante toda a Guerra do Vietnã (HERRINGTON, 1982).

Para os vietnamitas, a Batalha de Ia Drang foi uma luta pela independência e pela



sobrevivência de seu país. Eles enfrentaram um inimigo estrangeiro que havia invadido seu país e estava tentando impor sua vontade sobre eles. Embora as forças vietnamitas tenham sofrido pesadas baixas, eles lutaram com coragem e determinação, sabendo que estavam lutando por algo maior do que eles mesmos (HERRINGTON, 1982). A batalha foi um lembrete da brutalidade e da humanidade da guerra, com soldados de ambos os lados lutando por suas vidas e por suas crenças.

Em 1968, ocorreu a Ofensiva do Tet que foi um grande ataque realizado pelas forças vietnamitas em todo o país durante o feriado do “Ano Novo Lunar”. Embora a ofensiva tenha sido repelida pelas forças americanas e sul-vietnamitas, ela teve um grande impacto na opinião pública americana e aumentou a oposição à guerra nos EUA (KARNOW, 1985).

Durante a Ofensiva do Tet, falhas de inteligência significativas ocorreram, envolvendo o presidente americano Lyndon B. Johnson, o diretor da CIA Richard Helms e os militares. A falta de informações precisas e a subestimação das intenções e das capacidades das forças vietnamitas contribuíram para a surpresa e para o impacto significativo do ataque. A CIA, sob a liderança de Helms, falhou em fornecer uma avaliação precisa das intenções inimigas, enquanto os militares americanos, com Johnson como presidente, subestimaram a magnitude e a coordenação dos ataques vietnamitas. Essas falhas de inteligência tiveram um impacto duradouro na condução da guerra e nas percepções públicas sobre o conflito (TUCKER, 2011).

As batalhas intensas, como a Batalha de Ia Drang e a Ofensiva do Tet, marcaram a Guerra do Vietnã. Esses eventos destacaram a brutalidade da guerra, a determinação dos combatentes vietnamitas e as falhas de inteligência que tiveram impactos duradouros na condução do conflito. A guerra no Vietnã foi um período de desafios complexos e trágicos, que deixou um legado profundo tanto para os EUA quanto para o Vietnã.

Para os soldados norte-americanos que lutaram na Ofensiva do Tet, a batalha produziu um significativo impacto psicológico. Eles enfrentaram um inimigo determinado e bem-preparado, que havia lançado um ataque surpresa em um momento em que se esperava que houvesse uma trégua. A batalha tornou-se, novamente, uma luta desesperada pela sobrevivência, no qual os soldados norte-americanos, tomados pela surpresa, lutaram contra o medo constante de serem mortos ou capturados (HERRINGTON, 1982).

Para os vietnamitas, a Ofensiva do Tet foi mais uma demonstração de sua determinação e de sua coragem em lutar pela independência de seu país. Embora a ofensiva

tenha sido um ataque coordenado lançado pelo Vietcong<sup>5</sup> e pelo Exército Popular do Vietnã do Norte, ela mostrou que as forças vietnamitas eram capazes de desafiar as forças americanas, deixando um legado de trauma e de sofrimento para todos os envolvidos (HERRINGTON, 1982).

Essas falhas de inteligência durante a Ofensiva do Tet tiveram um impacto duradouro na condução da guerra e nas percepções públicas sobre o conflito. O presidente Johnson, o diretor da CIA Richard Helms e os militares americanos subestimaram a coordenação e a magnitude dos ataques vietnamitas, o que teve consequências significativas para a condução das operações militares e para a opinião pública.

A Ofensiva do Tet revisitou importantes lições sobre a Inteligência e sobre as relações entre as autoridades durante a Guerra do Vietnã. As falhas de Inteligência enfrentadas pelas autoridades envolvidas tiveram um impacto significativo nas operações militares e na opinião pública. A batalha intensa vivenciada pelos soldados norte-americanos e a determinação dos vietnamitas em lutar por sua independência deixaram um legado de trauma e de sofrimento, destacando a necessidade de uma Inteligência precisa e de uma compreensão profunda das dinâmicas do conflito para uma tomada de decisão eficaz.

A Batalha de Khe Sanh foi, também, um evento significativo no contexto da Guerra do Vietnã que ocorreu em 1968. A base americana em Khe Sanh foi cercada e sitiada por três regimentos do Exército do Vietnã do Norte, e os militares americanos mobilizaram muitas tropas e recursos para defender a base e para repelir as forças inimigas. Durante 77 dias, os militares americanos enfrentaram uma das batalhas mais longas e mais sangrentas da Guerra do Vietnã (RODRIGUEZ, 2023).

Stuart Herrington (1982) descreve como a tensão era palpável na base de Khe Sanh com os soldados norte-americanos preparando-se para o pior. No entanto, a Inteligência americana não conseguiu determinar, com precisão, as intenções do inimigo, subestimando o quantitativo de, aproximadamente, 20.000 soldados do Exército Popular do Vietnã do Norte. Destaca-se como a incerteza e a falta de informações precisas afetaram a tomada de decisão dos comandantes militares americanos, e como isso pode ter contribuído para a prolongação da guerra.

A incerteza e a falta de informações precisas afetaram diretamente as estratégias e as

---

<sup>5</sup> Uma força guerrilheira comunista que, com o apoio do Exército do Vietnã do Norte, lutou contra o Vietnã do Sul (final dos anos 1950-1975) e os EUA (início dos anos 1960-1973) (BRITANNICA, 2023).

ações dos comandantes militares americanos, contribuindo para a prolongação da guerra e agravando as perdas humanas e o sofrimento (TUCKER, 2011).

A Batalha de Khe Sanh é um exemplo da importância da Inteligência na guerra. Conforme destaca Stuart Herrington (1982), a falta de informações precisas sobre as intenções do inimigo pode ter afetado a tomada de decisão dos comandantes militares americanos, possivelmente levando a erros estratégicos e contribuindo para a prolongação da guerra. A incerteza e a falta de informações precisas podem ter dificultado a formulação de uma estratégia eficaz para lidar com o cerco à base e podem ter influenciado a duração da batalha.

As falhas de inteligência enfrentadas pelas autoridades tiveram um impacto significativo nas operações militares, impactando direto na opinião pública. A falta de informações precisas e a subestimação das intenções e das habilidades do inimigo comprometeram a capacidade de resposta efetiva das forças americanas, resultando em consequências graves (TUCKER, 2011).

Com isso, é possível identificar a extrema importância da inteligência na guerra e destacar a necessidade de uma cooperação eficaz entre as agências de inteligência para garantir que as informações sejam compartilhadas de forma eficaz e precisa.

Como mais uma iniciativa para tentar combater a insurgência do Vietcong durante a guerra, os EUA implantaram o programa Phoenix, a partir de 1969, no qual consistia em um programa secreto que visava desmantelar a infraestrutura política do Vietcong. Esse programa contou com a participação de várias agências de inteligência vietnamitas e americanas, incluindo a CIA e o Exército dos EUA (HERRINGTON, 1982).

O objetivo do programa era reunir informações de várias agências de inteligência vietnamitas e americanas para identificar e neutralizar membros do Vietcong. Ele foi concebido para ser uma iniciativa abrangente e eficaz para combater a insurgência, que estava causando muitas baixas entre as forças americanas e vietnamitas. A ideia era que, ao reunir informações de várias fontes, seria possível identificar e neutralizar membros do Vietcong, seja por meio de prisão, de morte ou de recrutamento para trabalhar como informante (HERRINGTON, 1982).

No entanto, as agências de inteligência vietnamitas, frequentemente, suspeitavam umas das outras e isso afetava a coleta e o compartilhamento de informações. Além disso, Stuart Herrington (1982) destaca que as agências de inteligência americanas, muitas vezes, não confiavam nas agências vietnamitas e, portanto, não compartilhavam informações com

elas. Essa falta de confiança mútua entre as agências de inteligência prejudicou a eficácia do programa Phoenix, pois as informações não eram compartilhadas de forma eficaz entre elas.

A partir de 1969, os EUA começaram a retirar, gradualmente, suas tropas do Vietnã. No entanto, a guerra continuou por mais seis anos, com as forças vietnamitas do Norte, progressivamente, ganhando terreno (KARNOW, 1985).

Observa-se que o programa Phoenix ilustra a importância da Inteligência na guerra e a necessidade de cooperação e de confiança entre as agências de inteligência para obter informações precisas e para tomar decisões estratégicas eficazes. Apesar dos esforços, a Guerra do Vietnã persistiu por mais anos, revelando a complexidade e a prolongada natureza do conflito.

No entanto, as falhas na coleta e no compartilhamento de informações entre as agências de inteligência vietnamitas e americanas, bem como a falta de confiança mútua, prejudicaram a eficácia do programa. Isso ressalta a necessidade de uma cooperação eficaz e de uma comunicação clara entre as agências de inteligência para garantir o compartilhamento de informações de forma eficiente e precisa.

A retirada estadunidense da Guerra do Vietnã foi um processo gradual e complexo que ocorreu ao longo de vários anos. Iniciado em 1969, durante a presidência de Richard Nixon (1969 – 1974), o processo de desocupação da tropa estadunidense do Vietnã foi complexo e cercado de muitas questões políticas e militares, envolvendo a transferência progressiva de responsabilidades para as forças vietnamitas do sul. No entanto, a guerra continuou entre o Vietnã do Norte e o Vietnã do Sul mesmo após a assinatura de um acordo de paz em 1973 (HERRINGTON, 1982).

Em 1973, os EUA assinaram um acordo de paz com o Vietnã do Norte, que previa a retirada completa das tropas americanas do Vietnã. No entanto, a guerra continuou entre o Vietnã do Norte e o Vietnã do Sul, e, em 1975, o Vietnã do Norte, finalmente, conquistou Saigon, a capital do Vietnã do Sul, e unificou o país sob um regime comunista (KARNOW, 1985).

Ao longo da guerra, os EUA enfrentaram uma série de desafios, incluindo a falta de apoio da opinião pública americana, a dificuldade de lutar em um ambiente de selva e de montanha, e a falta de compreensão da cultura e da história vietnamitas. Além disso, a falta de análise de fontes de inteligência, a avaliação de informações e a falta de comunicação clara e eficaz de resultados de inteligência para os tomadores de decisão estadunidenses foram fatores significativos que contribuíram para o fracasso da estratégia americana na Guerra do

Vietnã (KARNOW, 1985).

A guerra também teve um impacto significativo na sociedade americana. A oposição ao combate cresceu ao longo dos anos com protestos e com manifestações em todo o país. A guerra também levou a uma crise de confiança nas instituições governamentais e na liderança americana (KARNOW, 1985).

Durante a Guerra do Vietnã, os EUA enfrentaram diversos desafios que contribuíram para o fracasso de sua estratégia. A falta de apoio da opinião pública, as dificuldades de combater em um ambiente de selva e de montanha, e a falta de compreensão da cultura e da história vietnamitas foram fatores que impactaram negativamente a condução da guerra. Além disso, a falta de uma análise adequada das fontes de inteligência, a avaliação deficiente das informações disponíveis e a falta de comunicação clara e eficaz dos resultados de inteligência para os tomadores de decisão foram aspectos significativos que contribuíram para as dificuldades enfrentadas pelos EUA.

Observa-se que a Guerra do Vietnã foi um conflito complexo e traumático, marcado por desafios militares, por falhas de inteligência e por consequências humanas devastadoras. A luta pela independência do Vietnã do Norte contra a dominação francesa resultou na divisão do país e no confronto entre o Vietnã do Norte comunista e o Vietnã do Sul apoiado pelos EUA.

O envolvimento americano aumentou gradualmente, mas a falta de uma análise completa de informações e uma estratégia eficaz comprometeram o sucesso na guerra. A intensidade das batalhas, como em Ia Drang, na Ofensiva do Tet e Khe Sanh, evidenciou a brutalidade da guerra e a determinação das forças vietnamitas.

A falha na cooperação entre as agências de inteligência, como no programa Phoenix, mostrou a importância da colaboração e da confiança na obtenção de informações precisas. A retirada americana foi um processo gradual, mas a guerra continuou até a conquista comunista em 1975.

A Guerra do Vietnã deixou um legado profundo, ressaltando a necessidade de uma abordagem que valoriza a cooperação e o compartilhamento ético e responsável de informações, buscando evitar conflitos e promovendo a confiança mútua entre as agências de inteligência em futuros conflitos. No próximo tópico, será explorada a tensa relação entre os presidentes e os diretores da CIA durante o período da Guerra do Vietnã.

### 3.2 O IMPACTO DAS TENSAS RELAÇÕES ENTRE OS PRESIDENTES DOS EUA E OS DIRETORES DA CIA NA CONDUÇÃO DA GUERRA DO VIETNÃ

A frustração estadunidense na Guerra do Vietnã pode, também, ser associada ao assessoramento dos diretores da CIA aos presidentes dos EUA, o qual foi fortemente influenciado pelas tensas relações entre eles, representando um importante papel na condução do conflito.

Como vimos, a guerra abrangeu vários mandatos presidenciais e as decisões tomadas pelos presidentes em relação ao Vietnã foram influenciadas pelas informações e pelas recomendações fornecidas pela CIA.

A participação mais ativa dos EUA na Guerra do Vietnã começou após o mandato do presidente Dwight D. Eisenhower. Entretanto, algumas das políticas e das estratégias adotadas durante seu governo tiveram impacto direto no conflito (TURNER, 2008).

Durante o mandato de Eisenhower, a CIA desempenhou um papel fundamental na condução da Guerra Fria, com foco na contenção do comunismo globalmente. O presidente Eisenhower e Allen Dulles, diretor da CIA no período de 1953 a 1961, compartilhavam uma visão anticomunista e acreditavam na Teoria do "Dominó", segundo eles, a queda de um país para o comunismo poderia levar à queda de outros na região (TURNER, 2008).

Eisenhower e Dulles implementaram uma política de apoio a governos anticomunistas e ações secretas para derrubar regimes que consideravam ameaças aos interesses dos EUA. Fato observado pelas ações dos chefes de Estado estadunidense apoiando golpes militares e operações secretas para combater líderes considerados próximos ao comunismo (TURNER, 2008).

No entanto, pode-se argumentar que as políticas de contenção e de intervenção indireta adotadas por Eisenhower e Dulles, durante a Guerra Fria, criaram um ambiente propício para a escalada da Guerra do Vietnã. As ações secretas da CIA e a mentalidade de enfrentamento ao comunismo estabelecidas durante o governo de Eisenhower contribuíram para uma visão de confronto da política externa estadunidense (TURNER, 2008).

Portanto, Eisenhower e Dulles, diante de suas políticas e de suas estratégias no contexto da Guerra Fria, ajudaram a moldar o clima político e a abordagem dos EUA em

relação à intervenção militar e ao combate ao comunismo, o que teve consequências significativas para o conflito no Vietnã (TURNER, 2008).

Após assumir a presidência em 1961, John F. Kennedy manteve Dulles como diretor da CIA, mas sua relação com ele tornou-se tensa devido a diferenças de opinião sobre questões de política externa. Em 1961, ocorreu a fracassada Invasão da Baía dos Porcos em Cuba, uma operação apoiada pela CIA, que buscava derrubar o governo de Fidel Castro. O fracasso dessa operação aumentou as tensões entre Kennedy e Dulles, levando à demissão de Dulles como diretor da CIA em novembro de 1961 (TURNER, 2008).

Dulles foi sucedido na CIA por John McCone, diretor da CIA no período de 1961 a 1965. McCone era um empresário e político republicano. Sua nomeação por Kennedy foi vista como uma tentativa de alcançar uma perspectiva na condução da atividade de inteligência, através das funções de obtenção de inteligência e de análise. McCone acreditava na importância da colaboração entre negócios americanos e operações de inteligência no exterior. No entanto, o governo Kennedy declarou uma política de não intervenção, havendo resistência a essa ideia. Portanto, é possível perceber que havia diferenças de opinião em relação à política de inteligência e a intervenção no exterior (TURNER, 2008).

Lyndon B. Johnson assumiu a presidência dos EUA após o assassinato de John F. Kennedy em 1963 e, durante seu mandato de 1963 a 1969, houve um aumento substancial do envolvimento militar dos EUA na Guerra do Vietnã. John McCone continuou como diretor da CIA durante o início do mandato de Johnson até 1965, seguido por William Raborn Jr., diretor no período de 1965 a 1966, e Richard Helms, que dirigiu a Agência no período de 1966 a 1973 (TURNER, 2008).

A relação entre Johnson, McCone, Raborn e Helms foi complexa e, muitas vezes, tensa. McCone foi o primeiro Diretor da CIA de Johnson, mas sua relação com o presidente deteriorou-se rapidamente. Johnson queria um diretor que fosse mais leal e disposto a apoiar suas políticas, enquanto McCone preocupava-se mais com a integridade da agência e com a obtenção de informações precisas e confiáveis (TURNER, 2008).

Raborn foi escolhido por Johnson para substituir McCone, mas sua passagem pela CIA foi breve e tumultuada. Ele era um homem de ação, mas, várias vezes, agia sem consultar seus subordinados ou sem levar em conta as consequências de suas decisões. Ele também tinha uma relação difícil com Helms, que era o número dois da agência na época (TURNER, 2008).

Helms, por sua vez, era um veterano da CIA que havia trabalhado com McCone e que

se preocupava, profundamente, com a integridade da agência. Ele, muitas vezes, entrava em conflito com Raborn e com Johnson, que queriam que a CIA apoiasse suas políticas sem questioná-las (TURNER, 2008).

No geral, a relação entre Johnson, McCone, Raborn e Helms foi marcada por tensões e por conflitos, com cada um defendendo seus próprios interesses e suas prioridades. Johnson queria uma CIA leal e eficiente, mas, várias vezes, frustrava-se com a falta de cooperação e com as críticas da agência. McCone e Helms preocupavam-se mais com a integridade e com a precisão da inteligência, enquanto Raborn era mais focado em ação e em resultados imediatos (TURNER, 2008).

A relação entre Johnson, McCone, Raborn e Helms em relação à Guerra do Vietnã foi marcada por tensões e por divergências. Johnson estava determinado a vencer a guerra e acreditava que a CIA deveria apoiar seus esforços militares. Ele queria que a agência fornecesse informações precisas sobre as forças inimigas e ajudasse a identificar alvos para ataques aéreos e terrestres (TURNER, 2008).

McCone, por sua vez, era mais cético em relação à guerra e acreditava que a CIA deveria se concentrar em coletar informações precisas e confiáveis sobre as forças inimigas, e sobre a situação política no Vietnã do Sul. Ele se opôs à escalada da guerra e alertou Johnson sobre os riscos de uma batalha prolongada e impopular (TURNER, 2008).

No entanto, Raborn, que sucedeu McCone como diretor, era mais favorável à guerra e apoiou a escalada dos ataques aéreos e terrestres no Vietnã do Norte. Ele também defendeu o uso de operações secretas e de forças especiais para combater as forças inimigas (TURNER, 2008).

Já Helms, era mais cauteloso em relação à guerra e preocupava-se com o impacto que ela poderia ter na imagem e na integridade da CIA. Ele se opôs ao uso de táticas ilegais e questionáveis como o assassinato de líderes inimigos e o uso de drogas para interrogar prisioneiros (TURNER, 2008).

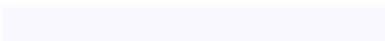
Observa-se que o vínculo entre Johnson, McCone, Raborn e Helms, em relação à Guerra do Vietnã, foi complexo e, muitas vezes, tenso, com cada um defendendo suas próprias visões e prioridades. Enquanto Johnson estava determinado a vencer a guerra e esperava que a CIA apoiasse seus esforços militares, McCone e Helms preocupavam-se mais com a integridade e com a precisão da inteligência. Raborn, por sua vez, era mais favorável à guerra e apoiou a escalada dos ataques aéreos e terrestres no Vietnã do Norte. Essas divergências e



essas tensões refletiram as diferentes prioridades e visões de cada um em relação à guerra e à política externa estadunidense na época.

No decorrer da Guerra do Vietnã, em 1969, assume o presidente Richard Nixon, e a sua relação com os diretores da CIA desempenhou um papel significativo na condução e na frustração do conflito. Com a nomeação de James Schlesinger para o cargo de diretor da CIA em 1973 e, posteriormente, assumindo como Secretário de Defesa ao passar o cargo de diretor para Colby, foi o escolhido por Nixon devido à sua visão alinhada em relação ao conflito, havendo uma melhora na relação entre a Casa Branca e a agência de inteligência. Schlesinger desempenhou um papel crucial ao buscar restringir o escopo da guerra e promover uma retirada gradual das tropas americanas (TURNER, 2008).

Diante dos fatos, conclui-se que as tensas relações entre os presidentes dos EUA e os diretores da CIA tiveram um papel importante na condução e na frustração da Guerra do Vietnã. Desde Eisenhower até Nixon, as divergências de opiniões, a personalidade dos líderes e a divergência de prioridades entre eles, moldaram as ações da CIA e influenciaram diretamente o conflito. Essas relações complexas e, muitas vezes, tensas refletiram diferentes abordagens em relação à guerra e à política externa, contribuindo para a frustração geral na condução do conflito. No próximo capítulo, intitulado "A Inteligência na Guerra do Vietnã: uma análise comparativa entre a teoria e a prática", será identificado como as decisões dos presidentes e a atuação dos dirigentes da agência de inteligência se entrelaçaram nesse cenário turbulento da história.



#### **4 A INTELIGÊNCIA NA GUERRA DO VIETNÃ: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA**

A Guerra do Vietnã foi um conflito complexo e desafiador que teve implicações significativas na política externa dos EUA. Durante esse período, a relação tensa entre os presidentes dos EUA e os diretores da CIA exerceu um papel crucial na condução do conflito. Divergências de opiniões, prioridades e personalidades distintas moldaram as ações da CIA e influenciaram, diretamente, o curso da guerra. Este capítulo explorará o impacto dessas tensões na condução da Guerra do Vietnã, e abordará a aplicação da teoria de Sherman Kent sobre Inteligência e a importância da cooperação e do compartilhamento ético de informações para uma condução eficaz das atividades de inteligência em futuros conflitos.

Durante o início da Guerra do Vietnã, o presidente Eisenhower e o diretor da CIA, Allen Dulles, tiveram divergências em relação à aplicação da teoria de Kent, na prática da atividade de inteligência. Enquanto Kent enfatizava a importância da profissionalização e da cientificidade da Inteligência, bem como a necessidade de uma abordagem multidisciplinar da compreensão da estatura estratégica e das vulnerabilidades específicas de um Estado, Eisenhower e Dulles estavam mais preocupados com a ação secreta e com a política de apoio a governos anticomunistas na região.

Essas divergências podem ter afetado a eficácia da atividade de inteligência durante o conflito, especialmente, em relação à coleta e à análise de informações de inteligência. A falta de imparcialidade e de objetividade na coleta e na análise de informações de inteligência pode ter prejudicado a qualidade das informações produzidas, enquanto a ênfase na ação secreta e a falta de transparência e de responsabilidade na atividade podem ter prejudicado a eficácia da atividade em sua totalidade.

O relacionamento entre o presidente Kennedy e o diretor da CIA, Allen Dulles, foi abalado após a fracassada Invasão da Baía dos Porcos em Cuba. No entanto, a não observância do pilar teórico de Kent da inteligência como organização, no que tange à acessibilidade e à disseminação seletiva desses dados dentro da CIA e da comunidade de inteligência, pode ter contribuído para o fracasso da Invasão. O estilo informal e a estrutura de tomada de decisão do presidente Kennedy não permitiam uma revisão sistemática da planejada invasão, relegando a problemática no Vietnã para segundo plano. Além disso, a decisão de abolir o

escritório de inteligência da Casa Branca impediu a capacidade da equipe de ganhar familiaridade e de assumir o controle como o presidente Eisenhower exercia em suas políticas e em seus programas da administração nacional. Esses fatos podem ter afetado a qualidade das informações produzidas e a eficácia da atividade de inteligência, o que influenciou na falta de uma avaliação completa das consequências da invasão em Cuba.

A aplicação adequada e eficaz da teoria de Kent poderia ter evitado o fracasso da invasão em Cuba. A observância do pilar da organização poderia ter permitido o estabelecimento de estruturas para analisar, para classificar e para armazenar as informações coletadas mediante uma revisão sistemática do planejamento da invasão, o que garantiria uma abordagem mais cuidadosa e realística para lidar com o desafio. Além disso, a manutenção do escritório de inteligência da Casa Branca poderia ter permitido uma análise mais completa das informações disponíveis, permitindo uma abordagem eficaz para lidar com o desafio e apresentando um assessoramento realístico para os tomadores de decisão nos conflitos vindouros, como no Vietnã.

La Drang foi um exemplo claro da falta de observância dos pilares da teoria de Kent na condução da guerra pelos EUA. Dessa forma, a análise de inteligência precisa e a avaliação adequada das capacidades do inimigo foram negligenciadas pelos líderes militares e de inteligência, o que contribuiu para a luta desesperada pela sobrevivência dos soldados norte-americanos.

Ademais, a falta de cooperação e de alinhamento entre o presidente Johnson, que queria um diretor que fosse mais leal e disposto a apoiar suas políticas, e o diretor McCone, que se preocupava mais com a integridade da agência e com a obtenção de informações precisas e confiáveis, pode ter afetado, diretamente, a aplicação da teoria de Kent na produção de conhecimentos estratégicos precisos e confiáveis na escalada para a Batalha de La Drang. Como a teoria de Kent enfatiza a importância do pilar da inteligência como conhecimento na obtenção de informações relevantes e confiáveis, destacando a importância da multidisciplinaridade e da abordagem holística na produção de conhecimentos estratégicos, a escalada pode ter sido comprometida pela falta de cooperação e de alinhamento entre o líder político e a agência de inteligência.

A relação entre Johnson e Raborn, também, foi um fator que contribuiu para a não observância dos pilares de Kent durante a condução da Batalha de La Drang. A falta de coordenação e de comunicação eficaz entre os líderes militares e de inteligência dos EUA

contribuiu para a falta de uma estratégia abrangente e bem informada na condução da Batalha, o que demonstra a falta de observância do pilar da organização. Esse pilar desempenha um papel crucial ao estabelecer estruturas para analisar, para classificar e para armazenar as informações coletadas, garantindo a acessibilidade e a disseminação seletiva desses dados dentro da organização ou da comunidade de inteligência.

A falta de observância do pilar da inteligência como atividade, que envolve a metodologia das ações baseadas em informações úteis sobre os problemas estratégicos correntes, bem como a consciência da relevância dos relatórios para aqueles que tomam decisões estratégicas, também foi um fator que contribuiu para o fracasso da estratégia norte-americana.

A Guerra do Vietnã foi um conflito que teve um impacto significativo na história dos EUA. Durante a Guerra, as forças americanas enfrentaram desafios significativos, incluindo a insurgência do Vietcong e a falta de uma inteligência precisa sobre o inimigo. Três eventos marcam a relação entre o presidente Johnson e o diretor Helms no contexto da Guerra do Vietnã: a Ofensiva do Tet, a Batalha de Khe Sanh e o Programa Phoenix.

A Ofensiva do Tet foi um ataque surpresa do Vietcong contra as forças americanas e vietnamitas em todo o país. A Ofensiva foi um sucesso inicial para o Vietcong, mas as forças americanas conseguiram repelir o ataque. No entanto, a ofensiva teve um impacto significativo na opinião pública americana e destacou a falta de inteligência precisa sobre o inimigo.

O primeiro pilar da teoria de Kent é a inteligência como conhecimento. Nesse sentido, a falta de um assessoramento de inteligência preciso e confiável sobre o inimigo durante a Ofensiva do Tet destacou a importância desse pilar. A falta de conhecimento sobre as intenções e as capacidades do inimigo prejudicou a capacidade das forças americanas de prepararem-se, adequadamente, para o ataque.

Khe Sanh foi outro evento significativo no contexto da Guerra do Vietnã. A base americana foi cercada e sitiada por três regimentos do Exército do Vietnã do Norte, e os militares norte-americanos mobilizaram inúmeras tropas e de recursos para defender a base e para repelir as forças inimigas. Essa Batalha destacou a falta de uma inteligência precisa sobre o inimigo e a necessidade de uma compreensão profunda das dinâmicas do conflito para a tomada de decisão eficaz.

O segundo pilar da teoria de Kent é a inteligência como organização. Nesse contexto,

a falta de produção de informações úteis ao referido problema e de acessibilidade e de disseminação seletiva desses dados dentro da organização, garantindo uma comunicação clara entre as agências de inteligência vietnamitas e americanas, prejudicou a coleta e o compartilhamento de informações precisas sobre o inimigo. A falta de coordenação entre as agências de inteligência, também, prejudicou a eficácia da estratégia de inteligência e a proteção das forças e dos interesses nacionais.

O Programa Phoenix foi uma iniciativa americana para combater a insurgência do Vietcong no Vietnã do Sul. Esse programa objetivava envolver a coleta de informações sobre os insurgentes e a realização de operações para capturá-los ou para eliminá-los. O programa foi bem-sucedido em muitos aspectos, mas a falta de confiança mútua entre as agências e as falhas na coleta e na análise de informações prejudicaram a eficácia do programa.

O terceiro pilar da teoria de Kent é a inteligência como atividade. Nesse viés, a falta de uma metodologia eficaz na coleta e na análise de informações demonstrou a importância desse pilar. Essa falha prejudicou a capacidade das forças americanas de identificar e de neutralizar os insurgentes do Vietcong.

A relação entre Johnson e Helms impactou na não observância dos pilares da teoria de Kent. Logo, a falta de uma comunicação clara e eficaz entre as agências de inteligência vietnamitas e americanas, durante a Guerra do Vietnã, prejudicou a coleta e o compartilhamento de informações precisas sobre o inimigo. Além disso, a ausência de uma liderança forte e eficaz na condução dos eventos, também, prejudicou a eficácia da estratégia e a proteção das forças e dos interesses nacionais.

Caminhando para o final da Guerra do Vietnã, a relação entre o presidente Richard Nixon e os diretores da CIA, Helms, Schlesinger e Colby, desempenhou um papel significativo no conflito. A nomeação de Schlesinger para o cargo de diretor da CIA, em 1973, indicado por Nixon devido à sua visão alinhada em relação ao conflito, ajudou a melhorar a relação entre a Casa Branca e a CIA.

Schlesinger desempenhou um papel crucial de assessoramento, mesmo após ter atuado como Secretário de Defesa, ao buscar restringir o escopo da guerra e promover uma retirada gradual das tropas americanas. No entanto, a falha no pilar da organização, no que tange aos conhecimentos da política externa e aos problemas estratégicos correntes envolvendo a transferência progressiva de responsabilidades para as forças vietnamitas do sul prolongarem a guerra, contribuiu, significativamente, para o fracasso estadunidense na

Guerra do Vietnã.

Do exposto, observa-se que, ao analisar a Guerra do Vietnã à luz da teoria de Sherman Kent sobre Inteligência, pode-se entender a importância da Inteligência e como sua aplicação adequada é essencial para o sucesso de qualquer ação militar ou política. Desse modo, o desafio reside em garantir uma coleta, uma análise e um compartilhamento eficientes de informações, bem como uma abordagem objetiva e imparcial na produção de conhecimentos estratégicos. Somente com a aplicação adequada desses princípios, pode-se alcançar uma tomada de decisão informada e uma condução eficaz de conflitos e de políticas internacionais.

A aplicação da teoria de Kent, por outro lado, poderia ter contribuído para uma condução mais eficiente da atividade de Inteligência durante a Guerra do Vietnã. A abordagem multidisciplinar e a atualização contínua das informações teriam proporcionado aos tomadores de decisão acesso a dados precisos e confiáveis. A teoria, também, destaca a importância de compreender as estruturas estratégicas e as vulnerabilidades específicas dos Estados, o que teria possibilitado uma visão mais completa e precisa para embasar decisões em um mundo complexo e em constante mudança.

Portanto, a Guerra do Vietnã deixou um legado profundo, pois destacou a necessidade de uma abordagem que valoriza a cooperação e o compartilhamento ético e responsável de informações, e promoveu a confiança mútua entre as agências de inteligência em futuros conflitos. Além disso, a teoria de Kent pode contribuir para garantir uma condução mais responsável e eficaz das ações de Inteligência em futuros conflitos. Ao considerar as personalidades distintas dos presidentes dos EUA e dos diretores da CIA, é fundamental valorizar a colaboração e o entendimento mútuo para evitar tensões prejudiciais às ações de Inteligência. Assim, uma abordagem que valoriza a cooperação e o compartilhamento ético e responsável de informações será essencial para garantir a eficácia e o sucesso das atividades de Inteligência em contextos desafiadores.

## 5 CONCLUSÃO

Durante a Guerra do Vietnã, a aplicação da teoria de Sherman Kent sobre Inteligência poderia ter sido fundamental para garantir uma atividade de Inteligência eficaz, evitando falhas na análise de informações e a falta de uma estratégia coesa, questões que comprometeram o sucesso da guerra. A ênfase na importância da colaboração, da confiança e da atualização contínua das informações poderia ter proporcionado aos tomadores de decisão acesso a dados precisos e confiáveis para embasar escolhas mais assertivas.

Com base na análise da Guerra à luz da teoria de Sherman Kent sobre Inteligência, considera-se que o conflito foi um fracasso para os EUA. As falhas como a falta de uma estratégia coesa, a falha na análise de informações e a falta de cooperação entre as agências de inteligência foram contribuições significativas para o fracasso do conflito para os EUA. A teoria de Kent destaca a importância da profissionalização e da cientificidade da atividade de inteligência, bem como faz compreender a estatura estratégica e as vulnerabilidades dos Estados para tomadas de decisão sólidas em conflitos e em políticas internacionais.

Além disso, a Guerra do Vietnã deixou um legado profundo, ressaltando a necessidade de uma abordagem bem-informada em conflitos futuros. A análise, conforme a teoria de Kent, pode ser uma ferramenta importante para aprimorar a atividade de Inteligência, pois permite uma abordagem multidisciplinar e rigorosa na produção de conhecimentos estratégicos. Depreende-se que a Guerra foi um conflito complexo e prolongado que resultou no fracasso estadunidense. A teoria de Sherman Kent sobre Inteligência destaca a importância da profissionalização e da cientificidade da atividade, bem como faz compreender a estatura estratégica dos Estados para condução mais responsável e eficaz das ações de inteligência em futuros conflitos.

No entanto, a teoria não é uma solução mágica para todos os problemas da atividade de Inteligência. Ela é uma ferramenta importante, mas deve ser aplicada de maneira adequada e adaptada às necessidades específicas de cada conflito e de cada situação. Além disso, a análise da Guerra do Vietnã à luz da teoria de Kent destaca a importância da transparência e da responsabilidade na atividade de Inteligência, evitando abuso de poder e violações dos direitos. É crucial que a atividade de Inteligência seja conduzida de forma responsável e ética, respeitando os direitos e a privacidade das pessoas. A cooperação e a confiança mútua entre

as agências de inteligência são fundamentais. Durante a Guerra do Vietnã, a falta de cooperação prejudicou a eficácia das ações de inteligência, uma vez que as agências deveriam ter trabalhado juntas de maneira coordenada para garantir uma coleta, uma análise e um compartilhamento eficientes de informações.

Por fim, a análise da Guerra do Vietnã à luz da teoria de Sherman Kent pode ser vista como uma ferramenta importante para aprimorar a atividade de Inteligência em futuros conflitos, permitindo uma abordagem mais multidisciplinar e mais rigorosa na produção de conhecimentos estratégicos. A análise também destaca a importância da transparência e da responsabilidade na atividade de Inteligência, bem como a necessidade de uma abordagem bem-informada em conflitos futuros.

Com o intuito de fomentar a pesquisa nesse campo, surge o questionamento de como a teoria de Sherman Kent é aplicada, atualmente, na atividade de Inteligência e como ela pode ser aprimorada para garantir uma condução mais responsável e eficaz das ações de inteligência em futuros conflitos. Essa é uma questão importante que deve ser abordada em futuras pesquisas e em discussões sobre a atividade de Inteligência.



## REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASILEIRA DE INTELIGÊNCIA (ABIN). **Doutrina nacional da atividade de inteligência**: fundamentos doutrinários. Brasília, DF: ABIN, 2016.
- BRITANNICA. Viet Cong. **Encyclopedia Britannica**, Chicago, 20 Mar. 2023. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Viet-Cong>>. Acesso em: 05 jul. 2023.
- CEPIK, M. A. C. **Espionagem e democracia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- HERRINGTON, S. A. **Stalking the Vietcong**: inside Operation Phoenix, a personal account. Novato: Presidio Press, 1982.
- JOBIM, C. M. **A lógica Fuzzy em apoio ao processo de tomada de decisão**: a prontidão das Forças Armadas e a ameaça terrorista. 2019. 219 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Marítimos) – Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 2019.
- KARNOW, S. **Vietnam**: a history: the first complete account of Vietnam at War. New York: Viking, 1985.
- KENT, S. **Informações estratégicas**. Tradução: Hélio Freire. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1967.
- MCMMASTER, H. R. **Dereliction of duty**: Johnson, Robert McNamara, the Joint Chiefs of Staff, and the lies that led to Vietnam. New York: Harper Collins, 1998.
- PENTEADO, M. E. L. **A dimensão subjetiva da docência**: significações de professores e gestores sobre “ser professor”, produzidas em um processo de pesquisa e formação. 2017. 227 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/20566/2/Maria%20Emiliana%20Lima%20Penteado.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2023.
- PLATT, W. **A produção de informações estratégicas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército; Agir, 1974.
- RODRIGUEZ, P. **Veteran remembers Battle of Khe Sanh**. Marines, California, 27 Jan. 2023. Disponível em: <<https://www.marines.mil/News/News-Display/Article/3280463/veteran-remembers-battle-of-khe-sanh/>>. Acesso em: 12 jul. 2023.
- ROTH, L. C. C. R. **UTI exploratoribus**: credibilidade e controle da atividade de inteligência no Brasil. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Centro de Estudos Gerais, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.
- SHULSKY, A.; SCHMITT, G. **Silent warfare**: understanding the world of intelligence. 3rd. ed. Washington, DC: Brassy's, 2002.

TUCKER, S. C. **The encyclopedia of the Vietnam War**: a political, social, and military history. 2nd. ed. Santa Barbara, Calif.: ABC-CLIO, 2011.

TURNER, S. **Queime antes de ler**: presidentes, diretores da CIA e espionagem internacional. Rio de Janeiro: Record, 2008.

TZU, S. **A arte da guerra**. Porto Alegre: LPeM Pocket, 2006.